



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Luto gestacional, neonatal e infantil

O luto gestacional, neonatal e infantil é uma dor silenciosa que atinge milhares de famílias no Brasil. A perda de um bebê durante a gestação ou logo após o nascimento causa profundo sofrimento para a mãe, o pai e toda a família. Diante desse desafio, o acolhimento e o apoio se tornam fundamentais.

Em 2025, entrou em vigor a [Lei 15.139](#), que institui a Política Nacional de Humanização do Luto Materno e Parental. Essa lei garante mais cuidado e dignidade às famílias que passam por esse momento, assegurando, por exemplo, acompanhamento psicológico, espaços adequados para a despedida do bebê e a possibilidade de realizar rituais conforme a fé e a vontade da família.



O tema é delicado e, ao mesmo tempo, muito importante. Por isso, o Programa Viva a Vida da Pastoral da Criança traz nesta entrevista informações essenciais tanto para famílias que enfrentam essa situação quanto para líderes e comunidades que desejam saber como oferecer apoio.

Recomendamos que os líderes da Pastoral da Criança acessem e compartilhem o PDF com a entrevista na íntegra ou o áudio do Youtube com famílias que estejam vivendo o luto. Esse conteúdo pode ser um instrumento de consolo, esperança e solidariedade para quem mais precisa.

Entrevista com a Dra. Larissa Madruga Monteiro, pediatra e neonatologista de Curitiba (PR), que trabalha em UTI Neonatal e também realiza cuidados paliativos voltados à gestação e ao período neonatal.

Dra. Larissa, o que é o luto?

O luto é um processo que se inicia após a perda de alguém ou de algo muito caro, muito importante. É um processo emocional. Na minha experiência com o luto, principalmente com famílias que perdem seus filhos, percebo que essa família precisa se reestruturar, ressignificar a morte dessa criança. E esse é um processo existencial, que não tem tempo determinado.

Qual é a diferença do luto gestacional, neonatal e perinatal?

O luto gestacional acontece quando gestantes e famílias perdem o bebê em qualquer momento da gestação. O luto perinatal ocorre quando a perda se dá a partir da 22ª semana de idade gestacional até o sétimo dia de vida após o nascimento. Já o luto neonatal é quando se perde o bebê após o nascimento, até o vigésimo oitavo dia de vida.



Quais são as fases do luto na perda de um bebê?

Esse processo é único para cada família. Antes se acreditava que havia um passo a passo, com fases bem definidas do luto. Hoje sabemos que há famílias que passam por todas as fases em um mesmo dia. Há famílias que, ao perderem o filho, já vinham de um processo de luto desde o diagnóstico da doença e, por isso, já conseguiram ressignificar a vida dessa criança. Após o óbito, podem estar em um momento de entendimento e até de gratidão pela vida do filho. Outras famílias passam pela raiva, pela barganha, pela tristeza profunda. O que vejo hoje é que o processo de luto é único e muito individual para cada pessoa e para cada família.

Quais são as consequências da não elaboração do luto para a saúde mental da mãe?

Às vezes, a mulher que acabou de perder o filho, se não consegue elaborar bem esse luto ou passar por ele de forma adequada, pode evoluir para um quadro de adoecimento em saúde mental. Por isso, precisamos estar muito atentos aos sinais que essa mulher apresenta à equipe de saúde. Assim, conseguimos identificar se ela pode estar evoluindo para um quadro de depressão mais grave, às vezes até com pensamentos suicidas ou com um nível de ansiedade mais elevado.

Dra. Larissa, como elaborar o luto?

A elaboração do luto começa muitas vezes ainda na gestação. Quando a gestante recebe o diagnóstico de uma doença fetal em que existe a possibilidade de o bebê falecer após o nascimento, ou de ter uma vida limitada, ali já pode começar o processo de elaboração do luto. Um dos primeiros passos é dar abertura para que essas famílias consigam falar, conversar e expressar como se sentem diante do que estão vivendo. Também é importante mostrar que elas podem e devem vivenciar tudo o que desejarem na gestação. Se querem fazer chá de fraldas, podem fazer. Se querem tirar fotos, devem tirar. Criar memórias dessa criança ajuda a fortalecer o vínculo familiar e faz com que o processo de luto aconteça de forma mais saudável, reduzindo o risco de evoluir para um adoecimento em saúde mental.

E depois que a criança falece?

Quando as crianças falecem — seja na fase gestacional, perinatal ou neonatal — oferecemos à família um tempo de permanência com o bebê para que possam se despedir. Mantemos essa criança com a família o tempo necessário até que todos se sintam prontos para a despedida, sempre com suporte espiritual, psicológico e com o apoio integral da equipe de saúde.

Quais são as formas de apoio emocional durante a perda gestacional?

A principal atitude que todos nós devemos ter diante de uma perda gestacional é oferecer presença e escuta. Muitas vezes, as pessoas acabam se afastando dessa mãe, e ela precisa de um espaço onde possa falar sobre seus sentimentos e sobre o bebê que perdeu. Nem sempre é necessário dizer algo — muitas vezes, na tentativa de tirar a dor do outro, usamos falas que não são bem recebidas. Comentários como: “Você ainda é nova, logo terá outro bebê” podem ferir profundamente, porque essa mãe não quer “outro bebê”, ela queria aquele bebê.

O apoio pode vir de gestos concretos: oferecer ajuda com os outros filhos, preparar uma refeição e cuidar da casa. Isso faz com que a mãe se sinta amparada, acolhida e sustentada pela família. Esse suporte é fundamental.

Estamos falando do sofrimento da mãe, mas há também o sofrimento do pai e de toda a família, não é, Dra. Larissa?

O pai também sofre. Muitas vezes sofre em silêncio, porque sente que precisa ser o porto seguro dessa gestante. Às vezes, a mãe que está na UTI com o bebê pensa: “Só eu estou sofrendo, por que ele não fala nada?” Na verdade, na maioria das vezes, o homem sofre calado, acreditando que precisa se manter firme e forte para dar sustentação à esposa. Por isso, é importante trazermos esse pai para conversar e ouvir o que ele sente. Toda a família também precisa amparar esse pai, que sofre tanto quanto a mãe. Afinal, é um sonho que se perdeu.

Dra. Larissa, como criar espaços mais empáticos de acolhimento?

Uma forma importante é por meio dos grupos de apoio. Existem grupos específicos de mães que perderam seus filhos, onde elas encontram força e se apoiam mutuamente. Mas podemos criar espaços de acolhimento em diferentes contextos: sempre que identificamos uma mãe que perdeu o bebê, é essencial que haja uma equipe preparada para acolhê-la. Essa equipe pode estar em hospitais, comunidades ou organizações. Vejo que a Pastoral da Criança também tem essa capacidade de oferecer esse suporte. O acolhimento começa em gestos simples: perguntar como ela está, se precisa de algo, se deseja conversar. Isso já abre espaço para o cuidado.

Dra. Larissa, a senhora poderia falar um pouco sobre a Lei 15.139, de 2025, que instituiu a Política Nacional de Humanização do Luto Materno e Parental?

É uma lei federal, que entrou em vigor este ano [2025], e tem o objetivo de humanizar o luto materno e parental. Quando uma gestante chega ao hospital após uma perda — seja no período gestacional, perinatal ou quando o bebê falece na UTI — ela passa a ter garantias específicas de cuidado.

Essa mãe não ficará em um quarto junto de outras mães com seus bebês, mas em um espaço reservado. Será oferecido um tempo para que possa permanecer com o bebê e se despedir. Haverá a possibilidade de registrar memórias, como fotos, impressões da mãozinha e do pezinho ou até uma mecha de cabelo. A família também poderá ser convidada a conhecer a criança e será perguntado se desejam realizar algum ritual religioso. Além disso, será oferecido apoio psicológico para ajudar essa mulher — e também a família — a lidar com o processo de luto que já se iniciou.

Mensagem da coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Maria Inês Monteiro de Freitas:

Olá, queridos leitores e ouvintes.

A Pastoral da Criança orienta e acompanha gestantes e familiares de crianças recém-nascidas com grande zelo e carinho. É muito triste quando uma criança morre. Para evitar que tantas famílias passem por essa dor, é preciso que todos se unam: a gestante realizando um pré-natal de qualidade, o parceiro oferecendo apoio, as políticas públicas garantindo acesso e serviços adequados e a sociedade servindo de suporte. Assim, diminuimos o risco de que mães e famílias tenham que enfrentar o luto por causas que poderiam ser prevenidas.



Testemunho de Joselina Cardoso Pacha, líder e coordenadora da Pastoral da Criança da Paróquia Santo Antônio Maria Zaccaria, que atua na Comunidade Renascer, Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Joselina, como os líderes da Pastoral da Criança podem acolher e ajudar a diminuir o sofrimento das mães e das famílias com a morte de um bebê?

Quando encontramos essa mãe, o primeiro passo é acolhê-la e escutá-la. É fundamental respeitar o seu luto. Se ela quiser falar, estaremos prontos para ouvir; se não quiser, permaneceremos ao lado dela, mostrando nossa presença e apoio. Sempre lembramos a essa mãe que ela pode contar com a Pastoral da Criança. Quando houver oportunidade de dizer uma palavra, que sejam palavras de incentivo, sinais de esperança, mostrando que Deus é o autor da vida e que ela não está sozinha — pode contar conosco.



(Mensagem do presidente da Pastoral da Criança, Dom Frei Severino Clasen:



Olá, amigos e amigas do Viva a Vida e leitores do site da Pastoral da Criança!

A perda de um bebê durante a gestação ou logo após o nascimento causa uma dor imensa para a mãe, o pai e toda a família — e atinge de modo muito profundo o coração materno. Por isso, é fundamental oferecer apoio, acolhimento e presença, para que a mãe possa expressar sua dor e seus sentimentos.

Que Deus abençoe e console a todos que passam por esse momento difícil. Que o Senhor vos fortaleça e encha de esperança.

Esta entrevista faz parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
1779 - Luto gestacional, neonatal e infantil